



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

APROXIMAÇÕES ENTRE PAULO FREIRE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
EMANCIPATÓRIA: UMA ANÁLISE PARTINDO DA ÉTICA, DA ESTÉTICA, DA
POLÍTICA E DA EPISTEMOLOGIA

Cauê Lima Canabarro¹
Caroline Terra de Oliveira²
Maria de Fátima Santos da Silva³

RESUMO:

Buscaremos neste trabalho relacionar alguns conceitos centrais da obra de Paulo Freire no sentido de compreender os fundamentos de tais conceitos, bem como a atualidade de sua contribuição para o pesquisador que busca desenvolver um trabalho no campo da Educação Ambiental. Assim, abordaremos algumas formulações sobre as noções de ética, estética, política e epistemologia, dentro dos limites desta escrita, a partir da leitura de algumas de suas obras, principalmente os livros *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia* e *À sombra desta mangueira*. Tratar desses elementos, na concepção freireana, implica compreendê-los a luz de sua relação com a totalidade do pensamento desse autor e também na inter-relação desses conceitos entre si. Um estudo de cada um desses conceitos de forma estanque nos condicionaria necessariamente a uma distorção do pensamento de Paulo Freire, o qual, como demonstraremos, pressupõe uma unicidade de seu pensamento e de sua ação, unicidade essa que é anunciada em sua centralidade na práxis humana como elemento fundamental para a compreensão e transformação do homem e da sociedade; perspectiva presente em todo o desenvolvimento de sua teoria pedagógica.

Palavras chaves: Práxis, Educação Ambiental Emancipatória e Paulo Freire

¹ Mestrando em Educação Ambiental e Bacharel em História. Bolsista da Capes-REUNI no Projeto de Educação Patrimonial e Ambiental do Centro de Documentação Histórica da FURG – cauecanabarro@yahoo.com.br

² Doutoranda em Educação Ambiental, Mestre em Educação Ambiental, Especialista em Rio Grande do Sul e Licenciada em História. Bolsista da Capes-REUNI no Projeto de Educação Patrimonial e Ambiental do Centro de Documentação Histórica da FURG.

³ Doutorando em Educação Ambiental, Mestre em Educação Ambiental, Especialista em Rio Grande do Sul, Licenciada em História; Professora de História na Rede Pública Municipal de Rio Grande; Professora Pesquisadora II na Especialização em Gestão de Pólos – UFPel

ABSTRACT:

We will search in this work to relate some concepts offices of the workmanship of Paulo Freire in the direction to understand the beddings of such concepts, as well as the present time of its contribution for the researcher that it searches to develop a work in the field of the Ambient Education. Thus, we will approach some formularizations on the slight knowledge of ethics, aesthetic, politics and theory, inside of the limits of this writing, from the reading of some of its workmanships, mainly the books of the *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia e À sombra desta mangueira..* To deal with these elements, in the “freireana” conception, implies to also understand them it light of its relation with the totality of the thought of this author and in the interrelation of these concepts between itself. A study of each one of these concepts of form it stanches would necessarily condition in them a distortion of the thought of Pauloo Freire, which, as we will demonstrate, estimate an unicity of its thought and its action, unicity this that is announced in its centralidade in the práxis human being as basic element for the understanding and transformation of the man and the society; present perspective in all the development of its pedagogical theory.

Keys words: Práxis, Ambient Review Education and Paulo Freire

Paulo Freire, como ele próprio evidencia em seus textos, é um teórico da práxis, ou seja, atribui a atividade humana sensível, concreta, a partir de um determinado contexto, como elemento central no processo de compreensão das coisas. Freire aponta que para que o sujeito tome consciência de seu lugar diante da disposição das coisas, diante da dicotomia *opressor/oprimido*, por exemplo, não basta que o submetam a um exercício meramente intelectual, mas sim é necessário compreender-se no nível da ação, entretanto, alerta para o fato de que “*esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis.*” (FREIRE, 1991:52). Nessa afirmação podemos perceber a ênfase na práxis, enquanto unidade dialética entre ação e reflexão, como fator essencial no processo educativo.

Logo no início de uma de suas mais conhecidas obras, *A Pedagogia do oprimido*, Freire afirma taxativamente com quem e para quem identifica sua produção e assim se identifica enquanto sujeito:

Quem melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (IBIDEM: 31)

Desse modo, Freire expressa claramente a radicalidade de seu pensamento, calcada na superação da situação de opressão na qual identifica que se encontram a maioria dos seres sociais. Nesse sentido, toda a problemática do desenvolvimento das formulações freireanas tem como centro o próprio homem, sua possibilidade e sua realidade concreta. Em seus escritos identificamos a constatação de que essa realidade do homem o conduz a uma desumanização

“não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica”. (IBIDEM: 30) Porém, ao problematizar o homem, não o faz de maneira isolada ou abstrata, mas sim o homem em suas condições concretas de existência, em sua relação *no mundo e com ele*.

Entretanto, para compreender as afirmações acima descritas, que, como apontamos, orientam toda a teoria e prática no sentido freireano, compreendemos ser fundamental buscar o desenvolvimento de alguns conceitos, que fundamentam o pensamento de Paulo Freire, como sua compreensão ética, estética, política e epistemológica, as quais, relacionadas entre si, fundamentam, e mais, nos atrevemos a dizer até, que são o fio condutor de toda argumentação de Paulo Freire em relação ao mundo e a humanidade.

Começamos por discorrer sobre a compreensão epistemológica, a qual nos remete diretamente à concepção de Freire sobre a história. Para o autor toda experiência humana deve ser compreendida dentro de sua historicidade, dessa forma a história, segundo essa visão, seria o resultado da ação dos homens ao longo do tempo, assim os homens além de ocuparem o papel de sujeitos na História, estariam também fazendo-se e refazendo-se socialmente nela. Essa constatação nos remete a pensar o mundo como algo em constante movimento, a experiência humana em um permanente devir, no e com o mundo. (FREIRE, 2006: 19-20).

É nas considerações acerca da História, sucintamente aludidas acima, que Freire irá fundar sua crítica a uma visão de mundo calcada em um idéia fatalista. Onde os homens e as mulheres estariam submetidas a condições exteriores a sua própria ação e vontade. Para Freire então a História se delinea como um campo de possibilidade. Entretanto, para compreender-mos essa assertiva precisamos problematizá-la, de forma a não confundir o pensamento de Freire com orientações idealistas, onde a história seria resultado apenas da subjetividade humana. Para resolver essa aparente contradição Freire irá recorrer a uma compreensão ontológica dos homens e das mulheres:

A invenção de nós mesmos como homens e mulheres foi possível graças ao fato de que liberamos nossas mãos para usá-las em outras coisas. Não temos data desse evento que se perde no fundo da história. Fizemos essa coisa maravilhosa que foi a invenção da sociedade e a produção da linguagem. E foi aí, nesse preciso momento, no meio desse e outros ‘saltos’ que demos, que nós, mulheres e homens, alcançamos esse momento formidável que foi compreender que somos incompletos. (FREIRE, 2008: 22)

A partir da citação acima podemos inferir que os homens, em um dado tempo histórico, os seres humanos, pela sua própria ação, criam seu próprio mundo, sua existência, e esse mundo, o mundo propriamente humano é que possibilitará aos homens e mulheres formarem uma

consciência de si, de seu eu, de algo que não se reconhece no restante do mundo animal, mas que, dialeticamente, se reconhece a partir dele. Essa formulação de Paulo Freire, em nosso entendimento, está, em larga medida, ancorada nas formulações ontológicas de Marx e Engels contidas em sua obra *A Ideologia Alemã*, onde esses dois autores formulam sua compreensão acerca da História, a qual ficou conhecida por Materialismo Histórico. Segundo estes últimos:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua vida material. (MARX; ENGELS, 1998, 11)

Nessa concepção, os homens produzem sua vida material, porém não o fazem de maneira arbitrária, mas sim a partir de condições determinadas. Uma das principais características do materialismo histórico está na abordagem das relações entre o homem e a natureza, e a ênfase de que essas relações são históricas, mutáveis, assim demarcam também a necessidade de compreender a natureza como um fator histórico. E todo o devir da humanidade deve ser medido pela relação dos homens com o seu meio, e assim compreender o indivíduo dentro de suas condições reais.

A essa altura o leitor pode estar se perguntando: qual a relação dessas afirmações com a idéia de História como possibilidade em Freire, a qual nos referimos acima. Primeiramente, o autor irá afirmar que a historicidade dos homens também implica sua consciência de incompletude, para nós, nessa tomada de consciência reside a raiz de toda a organização social dos homens. Pois, ao compreender-se inacabado, a busca por superar essa condição está justamente na necessidade de compreender-se enquanto ser social, e socialmente superar suas próprias limitações. Segundo, essa incompletude também é a base de toda a capacidade de educabilidade dos homens e das mulheres, pois ao nos reconhecermos somos impelidos a um permanente movimento de busca em que não apenas nos damos conta de coisas, mas delas podemos tomar conhecimento de sua constituição. “A capacidade de apreender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a...” (FREIRE, 1999: 76). A partir dessa afirmação parte toda a noção de ética na educação para Freire. Por fim, quando compreendemos a História, como palco das relações sociais entre homens e mulheres e destes com a natureza, partimos necessariamente, como já foi dito, de relações concretas de existência, que são fruto da ação dos homens, mas que emergem como alheias a sua

vontade individual. Nesse sentido, partimos da noção de que os seres humanos são condicionados por suas condições materiais de existência, todo seu meio, sua própria História. O grande desafio é compreender como a partir desse condicionamento podemos interferir na História, tornar-nos sujeitos negando a noção de sujeitos determinados. (IBIDEM: 59)

As formulações epistemológicas de Freire, que no nosso entendimento partem fundamentalmente de uma teoria da história, orientam-se para uma ação política, que implica mais que uma compreensão da dinâmica da sociedade, mas eminentemente uma postura diante dos antagonismos dessa sociedade. Por isso sua compreensão das possibilidades históricas tem como finalidade última compreender as reais possibilidades de transformação dessa própria História.

Na compreensão da História como possibilidade, o amanhã é problemático. Para que ele venha é preciso que o construamos mediante a transformação do hoje. Há possibilidades para diferentes amanhã. A luta já não se reduz a retardar o que virá ou a assegurar a sua chegada; é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção. Assumirmos-nos como sujeitos e objetos da História nos torna seres da decisão, da ruptura. Seres éticos. (FREIRE, 2006:40)

Quando opõem sua concepção de História com possibilidade, e essa possibilidade está diretamente relacionada com sua crença na libertação humana a partir dos próprios homens e mulheres, Freire nega a construção ideológica conservadora que baseia-se em um fatalismo, o qual nega a própria História. Assim sua concepção epistemológica critica frontalmente um modelo de educação sob a primazia de um tecnicismo, ou ainda de uma suposta neutralidade, cuja finalidade seria a preparação ou treinamento instrumental dos indivíduos para adaptarem-se às demandas de um determinado modelo econômico, como mera preparação para o mercado de trabalho. Ao criticar esse modelo, que nega aos seres humanos possibilidades de ação para além de sua adaptação a uma realidade predeterminada, Freire, não nega a necessidade de um aperfeiçoamento técnico dos sujeitos, mas problematiza para quem e contra quem caminha o próprio desenvolvimento técnico. De maneira concreta, expõem as contradições não só do atual modelo de educação, mas também traz a tona as contradições que permeiam o próprio tecido social. (IBIDEM: 41)

Ao constatar que a sociedade está antagonicamente composta por opressores e oprimidos, emerge em seu discurso a necessidade de uma tomada de posição diante dessa tensão. Nisso conclui que ao se estar a favor de algo ou de alguém, necessariamente nos colocamos contra algo ou alguém. Daí a pergunta: Contra quem estamos? Contra quê e quem estamos? Assim Freire irá

delinear toda a implicação de uma postura ética e política na sociedade. A ética então é assumir uma postura, optar por um lado, por uma classe. E a partir dessa opção nossas ações estão todas subordinadas a nossa escolha política. Nesse movimento Freire irá enfatizar que os oprimidos, a grande maioria na realidade que vivemos, são para ele os sujeitos da transformação social. Reside nesse extrato social o germe das mudanças que irão orientar a sociedade no caminho de uma emancipação humana, no retorno a uma vocação ontológica negada no próprio processo histórico, pela ação dos próprios homens. (FREIRE, 1991: 30)

Ao fazer tal afirmação, no entanto, não significa dizer que necessariamente tenhamos que nos sentar e esperar que a grande massa de oprimidos do mundo levante-se contra seus opressores ocasionando uma ruptura no sentido de uma transformação radical da ordem social e econômica vigente. Mas implica admitir que, ao constatar que reside no sujeito oprimido a possibilidade de superar tal condição, e também ao nos reconhecer como oprimidos e portanto condicionados em um mundo de desigualdades, nossa prática esteja subordinada a negação de uma visão fatalista, onde tal condição se perpetuaria. Nossa ação deve orientar-se necessariamente para a superação dessas condições através da reafirmação de que nossa vocação não é necessariamente a da acomodação, mas sim a da busca. E essa busca só se desvela em sua potencialidade através de nossa prática política, de uma ação e reflexão orientadas para a transformação, sem necessariamente significar que nossa crença em uma libertação pela prática, resulte imediatamente na libertação, mas sim que é preciso lutar por elas, para a conformação de condições histórica e objetivamente favoráveis (FREIRE, 2006: 30). Essa luta parte de nossa ação cotidiana, particular, mas se universaliza quando a identificamos com uma causa geral, qual seja, o retorno do homem a sua humanidade. Acreditamos que essa seja a radicalidade da ação ética e política propostas por Paulo Freire, as quais não estão em momento algum dissociadas de seu modelo educacional, a *Pedagogia da Liberdade*.

Antes de encaminhar a conclusão de nossa reflexão, buscaremos ainda, fazer uma breve alusão a formulação estética em Freire, a qual, em nosso entendimento, está diretamente relacionada suas formulações política, ética e epistemológica. A estética, para Freire, tem sua origem na sua percepção em um mundo em constante movimento, tendo como base sua compreensão de história, a qual descrevemos brevemente. Parte da percepção de um mundo que não reflete beleza por ele defendida esteticamente, um mundo onde *decência e boniteza* andem de mãos dadas (FREIRE, 1999:36), mas sim de um mundo onde persiste o antagonismo entre

opressores e oprimidos, onde o atual modelo sócio-econômico reproduz miséria, injustiça, degradação de homens e mulheres e de seu meio ambiente. Porém, sua percepção desse mundo serve para fazer emergir uma posição diante dele: “*A minha luta contra o capitalismo se funda aí, na sua perversidade, na sua natureza anti-solidária*” (FREIRE, 2006: 70). Assim, em uma relação dialética entre a denúncia e o anúncio, afirma que a estética e a ética são conceitos indissociáveis em sua produção, pois a ética como prática humana deve orientar-se para a recusa dessa degradação e para anunciar que é possível pela ação humana construir um mundo onde a beleza permeie as relações entre homens e mulher no e com seu mundo, no seu fazer-se e refazer-se cotidianamente, em sua capacidade ontológica para ser mais.

A percepção estética de Freire não parte de especulações meramente imaginárias ou idealistas, mas ao contrário, parte do reflexo da realidade concreta, porém, sem se restringir a esta última. Trata-se de buscar estabelecer uma relação entre os homens e mulheres e sua humanidade, buscando a partir de uma perspectiva estética, perceber no concreto uma mediação para a representação humana, não percebendo esta representação como mero reflexo mecânico de sua realidade, o que esterilizaria sua capacidade criativa de representação de si, de seu destino, de suas diversas manifestações. (LUKÁCS, *in* NETTO (org.): 1992, 194) Logo no início do livro *À sombra desta mangueira* Paulo Freire afirma da importância desse título, pelo fato de o remeter ao quintal de sua casa onde passou a infância, em Recife. Ao dissertar sobre isso o autor nos permite refletir sobre sua concepção estética. Pois, ao afirmar que toda sua concepção de mundo, sua forma de ser, o remete de volta ao seu quintal ele está dando uma resposta estética para a relação entre o específico e universal, objetividade e subjetividade.

Antes de tornar-me um cidadão do mundo, fui e sou um cidadão do Recife, a que cheguei a partir de meu quintal, no bairro de Casa Amarela. Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espraizar, me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho existencial é inverso. (FREIRE, 2006: 25)

Assim podemos compreender as expressões estéticas a partir de sua capacidade de criação, de sua subjetividade orientada na materialidade, nas suas relações, como um elemento onde os homens e mulheres a partir de sua particularidade se projetam em sua humanidade, em uma relação dialética, se singularizam e universalizam, superando a dicotomia entre o específico e o universal, entre objetividade e subjetividade como conceitos dicotômicos. Essas

compreensões nos remetem ao conceito de *Particularidade Estética* contido nas reflexões de Lukács acerca do tema. (LUKÁCS, in NETTO (org.), 1992: 197)

Por fim, para compreender como os conceitos que fundamentam a teoria freireana, orientando sua ação no sentido de contestação e superação da ordem social vigente, qual seja, as relações decorrentes do capitalismo e seus desdobramentos, podem subsidiar a Educação Ambiental, necessitamos nos situar dentro do próprio campo desta última. Nesse sentido, partimos da perspectiva de uma Educação Ambiental Emancipatória, a qual compreende o exercício da educação como uma prática para a transformação social, no sentido de superar as formas de dominação capitalistas. Assim, buscando fazer emergir, através da práxis social, uma sociedade pautada em marcos civilizatórios que emancipem os homens e as mulheres da barbárie dos padrões vigentes de sociedade. O desafio colocado para o educador ambiental está em como, diante do atual cenário sócio-econômico, “*propiciar o entendimento crítico de categorias-chave em Educação Ambiental, principalmente do que significa transformar, conscientizar, emancipar e exercera cidadania em educação e para o ambientalismo, enquanto movimento histórico de ruptura com a modernidade capitalista.*” (LOUREIRO, 2004: 20)

A partir das afirmações acima percebemos que na perspectiva emancipatória da Educação Ambiental visa-se compreender a problemática ambiental a partir de uma abordagem sócio-histórica, ou seja, a partir das relações entre seres humanos e a natureza sob a luz de um movimento histórico. Essa constatação implica admitir que, se essas relações são históricas, são necessariamente transitórias, ou ainda, passíveis de transformação pela ação humana. Então, se é preciso transformar as relações entre sociedade e natureza, entendemos que nesse movimento é necessário transformar a própria sociedade. Partindo da premissa que o cenário de crise sócio-ambiental o qual vivemos não permite soluções compatibilistas entre ambientalismo e capitalismo. (IBIDEM: 94)

Desta forma, o fundamento da afirmação de que a mudança é possível, contida na teoria de Paulo Freire e também presente nas formulações de uma Educação Ambiental Emancipatória, está justamente em sua compreensão da História, na perspectiva de resgate dos seres humanos enquanto sujeitos do processo social. Não entendendo a ação dos homens isoladas das possibilidades, mas partindo da formulação clássica de Marx, descrita em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, segundo a qual: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como

querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. (MARX, 1968:21)

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

_____. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. *Pedagogia do Compromisso. América Latina e Educação Popular*. São Paulo: Villa das Letras, 2008.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. *Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004.

LUKÁCS, Georg. *A arte como autoconsciência do desenvolvimento da humanidade*. In. NETTO, J. Paulo (Org). *Coleção Grandes Cientistas Sociais: Lukács*. São Paulo: Ática, 1992.

MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Escriba, 1991.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo, Martins Fontes., 1998